

● Ataque à democracia ● Um ano depois

Golpe foi articulado antes mesmo de 2018, mas a democracia foi mais forte

— Tentativa não funcionou porque as Forças Armadas não aderiram; decisão de não decretar GLO foi decisiva

ANÁLISE

ELIANE CANTANHÊDE

Era domingo, 8/1 de 2023, o ex-metalúrgico Luiz Inácio da Silva, recém-empossado para seu terceiro mandato na Presidência da República, levou um susto ao saber da invasão e do quebra-quebra do Planalto, Supremo, Câmara e Senado e tomou três decisões: transformar a Prefeitura de Araraquara em quartel general de resistência ao golpe, só voltar a Brasília em plena segurança, depois da situação controlada, e não aplicar a Garantia da Lei e da Ordem (GLO), que significaria botar tropas e tanques do Exército nas ruas — principalmente na Praça dos Três Poderes.

Acertou nas decisões, mas a principal delas partiu da primeira-dama Janja da Silva: recusar o que idealizadores do golpe, civis e militares, queriam: a GLO. O Exército iria para a rua legalmente, dentro



Bolsonaro em formatura na Academia Militar das Agulhas Negras

da Constituição. Só que, em vez de garantir a lei e a ordem, ficaria assistindo e, assim, aprofundaria o caos. As cúpulas das Forças Armadas, porém, se recusaram. E, no dia fatal, Lula vetou a GLO.

Ao entrar em campanha para a eleição presidencial de 2018, o capitão insubordinado Jair Bolsonaro mirava quatro segmentos que lhe serviriam

como eleitores e que, mais adiante, ele cooptaria como golpistas: Forças Armadas, polícias estaduais, igrejas evangélicas e os Caçadores, Atiradores e Colecionadores (CACs), civis apaixonados por armas, num ambiente em que há muita gente boa, mas é favorável a valentões que adoram tiros, brigas, confusões e “patriotadas”.

Presidente, Bolsonaro não

perdia uma formatura, um evento qualquer de militares e policiais e acompanhava a mulher, Michele, evangélica fervorosa, a cultos e encontros religiosos. Ele próprio, aliás, tomara uma providência bem adequada antes da campanha à Presidência: batizar-se no Rio Jordão, em Israel, para virar evangélico. Não por fé, mas por conveniência eleitoral.

Mal subiu a rampa do Planalto, e lá estava Bolsonaro liderando atos golpistas, com ataques ao Supremo e Congresso e faixas pedindo a volta dos militares. Nem a pandemia de covid-19 suspendeu o movimento, que usou até o Quartel Militar do Exército, em Brasília, como pano de fundo, enquanto generais, coronéis e capitães se infiltravam em todas as brechas de poder civil, inclusive o Planalto, e pessoas chaves eram distribuídas por áreas estratégicas, como a Justiça e o Itamaraty.

A internet, já embalada pela facada de 2018, a fé ingênua e o conservadorismo de costumes, fez o resto: construiu o mito, dominou corações e mentes, difundiu fake news, enlameou a imagem das instituições e da mídia e arregimentou milhões. Logo no início, foi se ensaiando o discurso do golpe, desconstruindo a confiança da população nas urnas eletrônicas com o mesmo fervor e a mesma insistência com que nas vacinas. Se o mito falou, amém!

Estava tudo pronto para a hipótese de Bolsonaro não se reeleger: bastava botar uns malucos dando tiros no Supremo e no Congresso (no

fim, foram milhares e, em vez de tiros, depredaram o que puderam). A polícia do DF, responsável pela segurança dos três poderes, faria vista grossa; o Exército seria convocado. Pelas minutas de golpe encontradas pela PF na casa do ex-ministro da Justiça Anderson Torres e no celular do ex-ajudante de ordens de Bolsonaro, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) seria fechado e substituído por uma comissão mista, metade civil, metade... militar. E o Supremo?

Segmentos

Ex-presidente mirava quatro públicos: Forças Armadas, polícias, igrejas evangélicas e CACs

Se previam que o ministro Alexandre de Moraes seria preso ou enforcado na Praça dos Três Poderes, não se sabe, mas certamente ele e o Supremo seriam alvo. Mas foi justamente o Supremo quem viu de longe, monitorou o golpe e esteve sempre na linha de frente da resistência a ele. E na cúpula militar, por mais que rejeitasse a volta de Lula e do PT, prevaleceu o dever legalista.

A história e as investigações vão mostrar que boa parte dos militares até trabalhou, torceu ou lavou as mãos para um golpe a favor do capitão mito, mas confirmaram também o que o próprio Moraes atesta: o golpe não foi consumado, ou não deu ainda mais trabalho para as instituições, porque as Forças Armadas, institucionalmente, não aderiram. ●

Inteligência da Polícia Militar relatou ‘apologia ao assassinato’ de Lula

BRASÍLIA

Uma das pessoas que estavam sendo monitoradas pelo aparato de segurança do Distrito Federal nos dias que antecederam o ataque às sedes dos Três Poderes era a radical identificada como Quésia, acompanhada por causa do perfil agressivo e da “apologia ao assassinato do PR (Presidente da República)”.

Às 8h11 do dia 7, a delegada Marília Alencar, chefe da seção de Inteligência da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF), relatou a partida, de Goiânia, de um grupo ligado a ela. “Quésia não embarcou”, diz o relato. “Ficou só na organização, mas pode ser que venha depois, até de carro, dada a proximidade de Goiânia-Brasília”.

Às 10h02, a coronel Cíntia de Castro, subsecretária de Operações Integradas, voltou a mencionar a radical. “Quésia é conhecida por manifestações extremistas, com apologia ao assassinato do PR. Há informe que o grupo tem intenção de atos violentos e estariam transportando vários pés de cabra. Presumem-se armados. Entre os dois ônibus organizados por Quésia, há aproximadamente 70 manifestantes. Esse grupo pediu que pessoas com mobilidade reduzida e idosos não se voluntariassem”, enviou.

Não houve nova menção à manifestante. Ela também não apareceu na lista de pessoas presas.

ANTECIPAÇÃO. Apesar dos relatos, o secretário Fernando Oliveira enviou uma gravação de áudio ao governador do DF, Iba-

neis Rocha (MDB), dizendo que “não há nenhum informe de questão de agressividade” e que estava tudo “bem tranquilo, bem ameno, uma movimentação bem suave e manifestação bem pacífica”.

Chefe do policiamento de trânsito, o coronel Edvã de Oliveira Sousa avisou que “cerca de 10 pessoas que se identificaram como militares ou reservistas” falavam em “traçar táticas e estratégias de combate, com discurso violento”. “A liderança se identificou como PE [Polícia do Exército] de Ponta Grossa/PR”, escreveu o coronel às 13h24. O grupo foi escoltado pela polícia de trânsito até a Esplanada. Em relatório do dia 11, o coronel afirmou que atuou para estabelecer “condições para o deslocamento, garantindo a se-

gurança dos participantes”.

TEMPO REAL. A invasão dos apoiadores de Bolsonaro aos prédios dos Três Poderes foi narrada em tempo real. O servidor identificado como capitão Júnior, da Inteligência do 1º Comando de Policiamento Regional, enviou 14 mensagens, de 15h28 a 16h01.

“Destruição no Planalto. Manifestantes vibrando com a invasão ao STF. Escreveram: Perdeu mané! STF totalmente tomado. Depredação do prédio todo”, escreveu.

O Supremo foi “retomado”, segundo o capitão Júnior, às 16h51. Naquele momento, no Senado, o chefe da segurança avisou ao grupo no WhatsApp que “manifestantes tomaram o Salão Azul”. “Difícil contenção. Estão ganhando terreno no Senado. Destruição câmeras.”

A interação é encerrada com relatos sobre a volta de extremistas ao acampamento, com a última mensagem às 19h16. ● VINÍCIUS VALFRE, JULIA AFONSO E DANIEL WETERMAN

Congresso terá cerimônia; STF abre exposição sobre ataques

O Salão Negro do Congresso Nacional recebe, a partir das 15 horas de hoje, uma cerimônia em memória dos ataques antidemocráticos de 8 de janeiro. O ato foi convocado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e deve ter 500 pessoas, incluindo os presidentes dos Poderes, ministros, dirigentes de estatais e representantes dos Estados e da sociedade civil.

O STF também terá um evento para recordar os atos. A sede da Corte abrigará a exposição “Após 8 de janeiro: Reconstrução, memória e democracia”, aberta ao público das 13 às 17 horas. A exposição irá registrar o trabalho das equipes responsáveis pela restauração do patrimônio do prédio, peças danificadas e fragmentos decorrentes da violência dos golpistas. ●

PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSREADER
PRESSELESE-CONTEXT - F. 004.275.0004
PRESSELESE-CONTEXT - F. 004.275.0004